CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
14 e 18 de julho de 2023

VREDENS DAG / 1943

(Dia de Cólera)

um filme de Carl T. Dreyer

Realização: Carl T. Dreyer / **Argumento**: Carl T. Dreyer, Mogens Skot-Hansen e Poul Knudsen, segundo a peça de Hans Wiers-Jenssen, "Ane Pedersdotter" / **Fotografia**: Karl Andersson / **Montagem**: Edith Schlussel e Ane Marie Petersen / **Som**: Erik Rasmussen / **Direcção Artística**: Erik Aaes / **Música**: Poul Schierbeck / **Figurinos**: K. Sandt Jensen e Olga Thomsen, concebidos por Lis Fribert / **Consultor Histórico**: Kaj Uldall / **Intérpretes**: Thorkild Roose (Absalon), Lisbeth Movin (Anne, a sua mulher), Sigrid Neiiendam (Merete, a sua mãe), Preben Lerdorff Rye (Martin, o seu filho), Anne Svierkier (Marthe Herloff), Olaf Ussing (Laurentius), Albert Hoeber (o Bispo), Emilie Nielsen, Kirsten Andreasen, Sophie Knudsen, Harald Holst, Preben Neergard, Emanuel Jorgensen, Hans Christian Sorgensen, Dagmar Wildenbruck.

Produção: Palladium Copenhagen-Page Nielson e Poul Knudsen / **Cópia**: em DCP, preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português, 97 minutos / **Estreia Mundial**: Copenhaga, a 13 de Novembro de 1943 / **Estreia em Portugal**: Estúdio (Porto), a 7 de Maio de 1969.

Entre **Vampyr** e **Vredens Dag** passaram onze anos marcados por projectos frustrados, entre eles uma adaptação da *Madame Bovary*, para o autor de **La Passion de Jeanne d' Arc**. Esta longa passagem pelo deserto é apenas assinalada por uma curta metragem documental, **Modrehyelpen** ("Assistência Maternal") feita em 1942. No ano seguinte será o regresso à longa metragem com o filme que será o mais popular, com um razoável êxito de público. **Vredens Dag** (também conhecido pelo título de **Dies Irae**, cuja música tem um papel importante no filme, logo no genérico com os versículos em letra gótica) era já um velho projecto de Dreyer, que assistira à representação da peça de Hans Wiers-Jenssen, em Copenhaga no já longínquo ano de 1909.

Há um ponto comum entre os três dos mais conhecidos filmes de Dreyer, **La Passion...**, **Vredens Dag** e **Gertrud**. Todos têm por personagem central uma mulher que, de uma forma ou outra, se coloca fora das normas sociais dominantes, acabando, pelos seus actos, por questionar o lugar que a sociedade organizada lhe atribuía. E em todos eles é um "colectivo" masculino que julga os seus actos e de um modo ou de outro, as condena. Mas o seu gesto, e essa própria condenação, é também o sinal da sua vitória. **Vredens Dag** destaca-se da trilogia porque é, talvez, o filme de Dreyer por onde passa uma maior carga erótica. Anne é a mais sensual das personagens femininas de Dreyer, assumindo o seu desejo numa sociedade puritana e repressiva, um desejo com algo de incestuoso, pois a sua paixão tem por objecto o filho do primeiro casamento do marido. E a forma como assume as acusações que lhe são feitas por Merete, sua sogra, deriva mais do abandono a que é votada pelo amante. Como não pensar no "abandono" de Joana pelas "vozes" que a levam a aceitar as acusações em determinada fase do processo, que aproxima mais os dois filmes do que a idêntica morte na fogueira das duas heroínas? Comum aos três filmes é também o tema do amor,

espiritual num, físico no outro, intelectual no terceiro. Mas em todos, o "*amor é tudo*", como Gertrud dirá no final (*Amor Omnia*).

A popularidade de **Vredens Dag** tem, porém, a ver com aspectos mais ou menos exteriores ao conflito dos personagens. E o elemento mais importante é o cenário em que decorre. Dreyer procurou para este filme a luz da pintura flamenga, de Van Dyck a Rembrandt. André Bazin, numa recensão crítica do filme, falou mesmo dele como um "*Remdrandt vivo*". Essa luz percorre todo o filme mas torna-se mais determinante esteticamente nos interiores da abadia onde Anne vive com o marido e a sogra. Dreyer, também, distancia-se de uma característica que fizera a fama de **La Passion de Jeanne d' Arc**: a utilização do grande plano. Também aqui a composição dos planos é influenciada pela escola pictórica que o domina. Mas Dreyer retoma, para a narrativa os seus antigos processos de montagem paralela e da ligação de vários episódios, como um mosaico, cujo sentido só se apreende inteiramente numa visão total, e que nos remete para duas obras pouco conhecidas do começo da sua carreira: **Blad of Satan Dagbog** ("**Folhas do Livro de Satanás**") e **Elsker Hverandre** ("**Amai-vos uns aos Outros**"). O começo de **Vredens Dag** parece constituir um filme isolado (um episódio) com a história da prisão, tortura e condenação da velha Herlof Marte, acusada de bruxaria. Só depois deste prólogo se entra no drama principal, a paixão de Anne por Martin e a rivalidade de Anne e Merete em relação a Absalon. Vale a pena determo-nos um pouco nesta última relação. De facto, mais do que qualquer confronto psicológico, de ciúme mórbido de duas mulheres pelo mesmo homem (e em ambos os casos de natureza incestuosa) o que se encena aqui é um conflito religioso (caucionado pela época e lugar da acção) em que a velha Merete representa a instituição conservadora e Anne a mulher que a põe em causa recusando a repressão do seu instinto e desejo. Ou seja, Merete é a velha Igreja que condena o que chama heresia, a mesma que através do tribunal condena a herética Joana, e a que, com a máscara da sociedade, recusa Gertrud.

A acção do referido prólogo vai revelar mais tarde a sua importância pela ligação reveladora que tem com o passado e o destino futuro de Anne e do marido (a profecia de Marete). Dreyer vai usar nos momentos decisivos a montagem paralela com os actos de Anne alternando com a acção na abadia: o encontro em que a relação dos amantes se concretiza e a morte do velho Laurentius, com Absalon referindo sombriamente o idêntico destino próximo que o espera, e a morte deste, com a espantosa sequência alternada de Merete velando o cadáver com a deambulação desesperada de Anne por entre o nevoeiro, em busca do amante. A conclusão é, sem dúvida, mais sombria do que em qualquer dos outros filmes de Dreyer. A morte de Anne não tem o contraponto de uma vitória espiritual com a de Joana. Mas recorde-se que **Vredens Dag** é realizado e estreado no momento mais sombrio da ocupação da Dinamarca pela Alemanha, em 1943. Dreyer (como Carné em França com o seu **Les Visiteurs du Soir**) encena também no passado uma reflexão sobre o presente.

Manuel Cintra Ferreira